



Veículo: Diário do Pará		
Data: 11/01/2018	Caderno: Você	Página: 01
Assunto: Artes		
Tipo: Notícia	Ação: Provocada	Classificação: Positiva

60 anos passados a limpo

A relação da UFPA com as artes, em especial em anos de repressão, é tema de exposição no museu da instituição

Lais Azevedo



lais.azevedo@diariodopara.com.br

Em homenagem ao aniversário da Universidade Federal do Pará, nesta sexta-feira, 12, o Museu da UFPA fará o vernissage da exposição “60anos60”, uma referência à idade da instituição e, ainda, ao período mais focado pela mostra: o final da década de 1960. Nesta retrospectiva fica claro o papel da Universidade na divulgação e propagação da arte nacional e aponta também o desempenho atual dela nessa área. Com entrada franca, a exposição segue até 12 de abril, das 9h às 17h, de segunda a sexta, e das 10h às 14h, aos finais de semana.

De acordo com a diretora do MUFPA, Jussara Derenji, desde sua criação a UFPA tem significativa atuação não só na área do conhecimento, como na promoção de eventos e investimento em cultura e arte. “A exposição realça o papel da Universidade, em especial nos anos de 1968/69, na disseminação da arte moderna. Vamos falar dos salões, logo no início de seu funcionamento e mostrar como isso desemboca na ‘I Cultural’, quando já existe o curso de Arquitetura”, adianta.

Os salões de artes plásticas da Universidade do Pará foram realizados em 1963 e 1965, e a “I Cultural” em 1968, durante a ditadura militar no país, com forte censura nas artes, em especial

nas regiões Sul e Sudeste. De forma contraditória, é nesse momento de fechamento político no qual a UFPA, especialmente por meio do então recém-criado Curso de Arquitetura, estabelece contato com vanguardas artísticas e consegue trazer nomes relevantes como Claudio Tozzi e Helio Oiticica para expor por aqui em praça pública.

“Naquele momento não existem outros cursos de arte em Belém, o primeiro só é criado por volta de 1976, e era o de Arquitetura que supria essa demanda até então. Os arquitetos que vêm para fundar a Escola de Arquitetura são de Porto Alegre e o curso lá é muito ligado às Belas Artes. Isso também ajuda as relações entre esse grupo que chegou e os grupos



do Rio de Janeiro e especialmente de São Paulo, fazendo com que nessa 'I Cultural' viessem artistas como Helio Oiticica, que já tinha pouca possibilidade de criação no Sul e Sudeste, regiões mais abaladas pela repressão", explica. "A 'I Cultural' se diferenciou muito dos salões anteriores porque eles eram feitos na sede social da Assembleia Paraense. Na praça, as obras ficaram expostas em pavilhões, uma saída de um meio mais elitista para alcançar a população em geral", observa a diretora do Museu.

O tema da censura acabava virando mote da exposição no Pará. Claudio Tozzi, por exemplo, trouxe uma série de quadros onde ironizava o grande foco que a mídia colocou sobre o Bandido da Luz Vermelha. "O bandido seria assunto corriqueiro, mas teve grande projeção porque a imprensa vivia uma repressão tão intensa que não tinha assunto. E o artista fez uma sátira disso", comenta a diretora, citando que uma instalação feita com tapumes por Osmar Pinheiro também era uma alusão velada à opressão. A compo-

sição deste cenário interligasse, em parte, às ideias e intenções compartilhadas entre UFPA e Bienal Internacional de São Paulo que vão reverberar na criação da "I Bienal Amazônica de Artes Visuais", realizada em 1972.

“

A exposição realça o papel da Universidade, em especial nos anos de 1968/69, na disseminação da arte moderna”

Jussara Derenji,
diretora do Museu da UFPA